

A Revista Novamerica (nº 129, jan-mar 2011)<sup>1</sup>, dedicada ao tema “Educar hoje: vida digna, interculturalidade e democracia”, traz entrevista de Vera Maria Candau, abrindo a série de artigos que desdobram o tema - rico material que pretende ser “um convite para a discussão e, consequentemente, para a formulação e construção de novos caminhos para a educação (...) intercultural, sempre na perspectiva de promover vida digna para todos e todas”, como proposto no editorial. Para estimular a acolhida do convite, resposta de Vera a uma das perguntas que compõem a esclarecedora entrevista, da qual foi extraída, também, a frase síntese presente na página inicial.

### Que relações você estabelece entre Educar em Tempos difíceis, Vida digna, Interculturalidade e Democracia?

Acho extremamente oportuno esse título, que é de um congresso que vai ser realizado no Chile, em outubro deste ano<sup>2</sup>. Existem pessoas que podem dizer: mas todos os tempos são difíceis. É verdade. Entretanto, em cada tempo, essa dificuldade tem a sua especificidade. Vivemos tempos especialmente complexos e cheios de desafios. É isso que estamos chamando de tempos difíceis. E quando vivemos esses tempos cheios de desafios - desafios que na nossa perspectiva não são meramente instrumentais<sup>3</sup>, mas são desafios de sentido e é por isso que se fala muito em uma crise de época ou em uma crise de paradigma - em geral pode haver diferentes posições diante dessa realidade.

Uma dessas posições é a de colocar os olhos muito mais no passado e, de alguma forma, nessas posições o passado é idealizado. E, desse modo, se olha muito para o presente dizendo: os princípios e os valores estão muito fragilizados, a realidade vivida anteriormente com certeza era melhor que a vivida no momento atual. O sentimento de perda é muito forte. E isso provoca uma atitude saudosista, uma atitude de querer resgatar, no presente, aspectos do passado. O que não quer dizer que não existam aspectos que precisam ser revisitados. Mas, de alguma forma, essa posição faz olhar para o presente dentro de uma chave muito negativa: os jovens já não são como antigamente; os professores afirmam: já não tenho mais alunos como tinha antes... E isso normalmente favorece uma visão neoconservadora da educação em todos os sentidos.

Outra perspectiva é a perspectiva de afirmar: os tempos que estamos vivendo são esses e o que temos que fazer é embarcar nesses tempos, porque não há alternativa. Essa é a única alternativa e por isso temos que embarcar nela: na sociedade do consumo, na sociedade centrada no mercado e o que temos que fazer é preparar os jovens para serem competitivos nessa sociedade. Essa sociedade é o nosso horizonte de sentido e, portanto, não há outra alternativa.

No entanto, é possível também uma terceira posição: tempos difíceis são tempos que nos desafiam a reinventar, a recriar, a buscar alternativas. Não nega o presente e nem todas as conquistas que já foram feitas, mas procura fazer uma análise crítica desse presente e procura ver quais são os aspectos considerados do passado que precisam ser revisitados e reafirmados, mas principalmente procura saber como podem ser criadas novas alternativas para a sociedade e a educação. Os tempos difíceis são fundamentalmente de criação e isso implica em ter que se mover no âmbito das incertezas, no âmbito das buscas, no âmbito das experiências que nos ajudem a caminhar. Todavia, para caminhar em tempos difíceis é necessário ter um horizonte de sentido. E nesse horizonte de sentido, eu acho que essas três expressões são fundamentais: vida digna, interculturalidade e democracia.

Vida digna quer dizer que estamos querendo colaborar para

construir sociedades onde a dignidade humana se afirme, e, portanto, onde não existam milhões de seres humanos que sejam considerados descartáveis, porque eles não têm capacidade plena para inserção no mercado. Essa questão da dignidade humana e da afirmação da dignidade humana de cada pessoa e de todas as pessoas é fundamental nesse horizonte de sentido que estamos querendo colaborar para construir.

Outro elemento é esse reconhecimento das diferenças socioculturais. Esse é um componente muito forte das sociedades atuais: a consciência das diferenças culturais, religiosas, étnicas, relacionadas à orientação sexual, às diferentes gerações, entre outras... Essa consciência de que somos todos seres humanos, mas não somos seres padronizados nem individualmente, nem socialmente e, portanto, essa consciência da importância das diferenças, não só no plano individual, mas também no plano social, do papel dos grupos e dos movimentos sociais como componentes muito importantes da sociedade. Essa consciência está cada vez mais forte. E não gostaríamos de colaborar no sentido de que essas diferenças sejam reconhecidas e se afirmem sem dialogarem umas com as outras e, nessa perspectiva, a interculturalidade nos situa no horizonte de promover o diálogo entre os diferentes grupos socioculturais, o que é fundamental para a afirmação de uma democracia inclusiva, participativa e diferenciada.

Desse modo, essas expressões apontam um horizonte de sentido, quer dizer, nós queremos educar em tempos difíceis, mas queremos educar na perspectiva de afirmar a dignidade humana, de reconhecer os diferentes grupos socioculturais nas suas especificidades e promover a relação entre eles e, assim, favorecer uma construção democrática que ultrapasse o âmbito da democracia política, entendida muitas vezes, só como eleições de dirigentes - por mais importante que isso seja - para caminhar na direção de uma democracia também socioeconômica e cultural, que possa promover uma justiça que seja uma justiça social, mas também uma justiça cultural.

<sup>1</sup> A Revista Novamerica pode se adquirir, tanto exemplar/es específico/s, quanto assinatura anual, com Cecília Botana, através do telefone (21) 2542 6244, ou do endereço eletrônico [revista@novamerica.org.br](mailto:revista@novamerica.org.br).

<sup>2</sup> Confira em **Notícias**.

<sup>3</sup> “Como, por exemplo, uma ênfase enorme na avaliação dos sistemas, entendida de maneira restrita, exclusivamente como medição de determinados componentes como a aprendizagem de determinadas áreas curriculares e disciplinas e também se dá por óbvio que - neste contexto em que nós estamos vivendo, ou seja, um contexto globalizado, que acentua muito a centralidade do mercado, do consumo e de um conhecimento que esteja a serviço dessa globalização econômica hegemônica - que o papel da educação é favorecer a inclusão nesse sistema e favorecer essa inclusão de maneira acrítica” (VMC).

Ano XI Nº 114 Jul/Ago 2011

D A T A S

SIGNIFICATIVAS

J U L H O

**01**  
Dia da Cidadania  
**09**  
Dia da Juventude  
**13**  
Dia da Promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)  
**17**  
Dia de Proteção às Florestas

A G O S T O

**07**  
Dia Internacional da Educação  
**11**  
Dia Nacional do Estudante  
**12**  
Dia Internacional da Juventude - ONU  
**23**  
Dia contra a Injustiça  
**24**  
Dia da Infância  
**26**  
Dia Internacional da Igualdade Feminina

# Direitos Humanos na sala de aula

A P R E S E N T A Ç Ã O

Educar em tempos difíceis.

Esta expressão está presente em todas as páginas deste boletim.

Nesta primeira, ao abrir a edição, representa um chamamento. Ao mesmo tempo, e com a parceria de Vera Candau, sinaliza esperança ativa e comprometida - marca da autora e de todos os educadores e todas as educadoras dispostos a “olharem de frente” os desafios que o momento presente apresenta ao fazer educativo.

Nas páginas centrais, notícia importante sobre evento em outubro próximo. Espaço-tempo de encontro, partilha e construção.

Na última página, permeia as reflexões de Vera Candau que estabelece relações entre educar em tempos difíceis, vida digna, interculturalidade e democracia. Pitada de uma entrevista recente que antecipa e delinea o foco daquele encontro.

Para além das significações nessas páginas é expressão-tatuagem, impressão definitiva em corações e mentes de educadores e educadoras integrantes do MEDH.

Para “movimentar as salas de aula”, propomos brincar com as diferenças, jeito muito sério de promover o acolhimento da diversidade, de responder ao desafio de respeito ao outro - o diferente - para uma convivência solidária, para o “bem-viver”. Ou, recorrendo à linguagem-cultura guarani, que nos ensina um novo conceito de viver bem:

Teko Porã!

A equipe

NOVAMERICA

Programa Direitos Humanos Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 NOVAMERICA  
Rua Dezenove de Fevereiro, 160  
Botafogo - CEP : 22280 - 030  
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL  
Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033  
E-mail: [escola@novamerica.org.br](mailto:escola@novamerica.org.br)  
<http://www.novamerica.org.br>

Editora ..... Susana Sacavino  
Texto Final ..... Iliana Aida Paulo  
Supervisão Editorial ..... Adelia Maria Koff  
Composição Gráfica ..... Companhia Visual Manteca  
Equipe Responsável ..... Vera Maria Candau  
Sílvia Maria F. Pedreira  
Marilena Varejão Guersola

Direitos Humanos na sala de aula

PARTICIPE

Na edição de nov/dez, dedicada às produções das escolas, é nossa intenção publicar apenas trabalhos voltados para o lema do ano. Converse com a coordenadora de seu núcleo e comece a sistematizar o que têm feito sobre ele. Realize novas atividades. Participe!

Estamos vivendo um momento muito interessante, por conta dos grandes desafios que o mundo está enfrentando e que a educação está sendo chamada a olhar de frente. Educar em Tempos Difíceis é uma expressão muito feliz porque ela nos coloca diante desses desafios do mundo atual, mas nos coloca positivamente. Vera Maria Candau

NOVAMERICA



DIFERENÇAS SIM! DESIGUALDADES NÃO!